

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS



Uma análise otimalista da morfoprosódia da “linguagem do TTK”

Felipe da Silva Vital

**Rio de Janeiro
2020**

Felipe da Silva Vital

Uma análise otimalista da morfoprosódia da Linguagem TTK

Monografia submetida à Faculdade de Letras da universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Rio de Janeiro
2020

Vv836a Vital, Felipe da Silva
Uma análise otimalista da morfoprosódia da
"linguagem do TTK" / Felipe da Silva Vital. -- Rio
de Janeiro, 2020.
35 f.

Orientador: Carlos Alexandre Victorio Gonçalves.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2020.

1. Linguística. 2. morfologia. 3. fonologia. 4.
Linguagem TTK. 5. otimalidade. I. Gonçalves, Carlos
Alexandre Victorio, orient. II. Título.

Folha de agradecimento

À Linguística, minha sincera consideração.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – O TTK COMO ARGOT	8
CAPÍTULO 2 – UMA NOTA SOBRE ENANTIOMORFISMO	10
CAPÍTULO 3 – GRAMÁTICA DO TTK	12
CAPÍTULO 4 – DA TEORIA DA OTIMALIDADE	14
CAPÍTULO 5 – DA APLICAÇÃO AOS DADOS	18
5.1 – Inputs multissilábicos	18
5.2 – Inputs monossilábicos	21
6. PALAVRAS FINAIS	27
6.1 – A importância da categoria “pé” em uma análise métrica	27
6.2 - A importância da Restrição MAX	31
6.3 – (pen)últimas notas sobre o TTK	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

Introdução

Neste trabalho, propõe-se uma análise do fenômeno popularmente conhecido como “TTK” (também chamado *gualin*, “língua”, e *xarpi*, “pichar”). O fenômeno consiste no mapeamento direita-esquerda (enantiomórfico, portanto) de uma palavra-base e resulta na criação de uma palavra de uso privado (clandestino, sigiloso), em casos de monossílabos ([‘lo.gi] << ‘gol’; [‘ra.bi] << ‘bar’) e multissílabos¹ (‘mesa’ >> [za.’me]; ‘pichar’ >> [ʃax.’pi]; ‘música’ >> [ka.zi.’mu]; ‘vagabunda’ >> [da.bũ.ga.’va]).

O fenômeno apresenta similaridade na França, sendo chamado de *Verlan* (*femme* (“mulher”, pronunciada *fâmm*) >> [‘mẽ.fe]; *fête* (“festa”, *fét(a)*) >> [‘teuf]) e no Peru, conhecido como “*Vesre*” (*marido* >> [do.’ri.ma]; *playa* >> [‘ja.pla]). Como o *Verlan* e o *Vesre*, o TTK é uma espécie de *argot*, uma vez que constitui forma de linguagem usada por um grupo de pessoas que partilham características comuns, como profissão, procedência ou mesmo identificação ideológica.

Muitas vezes, *argots* se convertem em instrumentos para evitar que as mensagens sejam entendidas por indivíduos estranhos ao grupo. Isso acontece, por exemplo, na fala de grupos marginalizados, em que o segredo é extremamente necessário, em função do grau de marginalização social das práticas. No caso do TTK, esse tipo de linguagem surge como gíria comumente usada por *rappers* que atualmente despontam no cenário musical carioca (Stephan Peixoto “Sain”, filho de Marcelo D2, Daniel Shadow e Akira Presidente, por exemplo). O TTK passou a ser mais conhecido na mídia brasileira com humorista Marcelo Adnet, que tornou pública a linguagem num programa de entrevista em rede nacional (*Esquenta*, Rede Globo de Televisão, 2013, apresentado por Regina Casé).

Em primeiro lugar, define-se - além do referencial teórico e da metodologia utilizada para a coleta do *corpus* termos centrais para a análise - o que vem a ser *argot*; depois, uma breve noção ao conceito enantiomorfismo, pertencente, em um olhar particular, ao campo da ótica; a seguir, apresentam-se as principais características do TTK. Após isto, destrinchamos a gramática otimalista. Em seguida, aplicação aos dados. Por fim, o texto é concluído com considerações sobre os avanços que a otimalidade possibilita.

¹ Com o objetivo de diferenciar monossílabos de não monossílabos, utilizamos o termo **multissílabo** em referência a palavras com duas ou mais sílabas.

Neste texto, que trata de questões de interface fonologia-morfologia, analisamos o fenômeno à luz da Teoria da Otimalidade (PRINCE & SMOLENSKY, 1993; McCARTHY & PRINCE, 1993a). Portanto, em função de restrições de fidelidade *input-output*² e restrições de boa formação prosódica (as restrições de marcação), argumenta-se em favor de um ranking de restrições para esse *argot*, que marca um público majoritariamente jovem, denotando a chamada função indexical dos processos fonomorfológicos (GONÇALVES, 2003).

Os dados da pesquisa foram coletados de conversas espontâneas gravadas com consentimento dos participantes em questão: jovens, homens e mulheres, entre 15 e 30 anos, grupo de amigos que mantêm entre si a cultura gíriática em situações de interação. Em sua maioria, os participantes são moradores do PREV (Parque Residencial da Estrada Velha), no bairro do Engenho da Rainha, no município do Rio de Janeiro.

Como fonte alternativa de coleta, recolhemos dados de *blogs* e *sites* com a finalidade de abordar hábitos e práticas dos grupos pelos quais mais se veiculam notícias sobre a *gualín do TTK* ou *do Xarpi*, além de músicas e entrevistas de pessoas famosas que conhecem esse *argot* brasileiro, como o ator e humorista Marcelo Adnet e o cantor-compositor Gabriel, o Pensador.

² Embora a versão standard da teoria trate as representações subjacente e de superfície como, respectivamente, *input* e *output*, neste trabalho, será adotada a versão da teoria da correspondência (McCarthy & Prince, 1995). Esta alarga as relações de fidelidade para quaisquer entidades de representação fonológica, adotando, para as representações subjacente e de superfície, respectivamente, S_1 e S_2 .

1. O TTK como *argot*

Calvet (1994) define *argot* como um tipo especial de linguagem usado por determinado(s) grupo(s) a fim de se obter(em) determinado(s) fim(s) que pode(m) ser aplicado ao sentido ou à forma do constructo. Quanto às motivações, destacam-se (a) desejo de omissão da real mensagem (função críptica), (b) forma de diferenciação em relação a falantes de outras comunidades de fala, constituindo uma marca de identidade própria (função identitária), (c) confecção de caráter cômico falante-ouvinte (função lúdica) e (d) desejo de expressão de valor avaliativo do falante em relação ao referente / ouvinte (função atitudinal, nos termos de Gonçalves, 2011).

Das motivações levantadas por Calvet (1994), ao TTK estendem-se de maneira significativa as três primeiras características. Os itens (a) e (b), que estão intimamente ligados no *argot* brasileiro, justificam possivelmente a escolha do nome “TTK” (aplicado à palavra “Catete”, um bairro da zona sul do Rio de Janeiro, com o aproveitamento apenas das consoantes, pronunciadas de trás para frente). Uma das áreas mais influentes para a juventude no Rio de Janeiro nos últimos tempos, o bairro do Catete vem se afirmando como berço de movimentos culturais por ser uma área em que o tradicional se mistura com o inovador:

“velhos sobrados se misturam a grandes edifícios e às favelas do Santo Amaro e Tavares Bastos. Na vizinha Glória, os travestis passeiam com naturalidade nas ruas em que hotéis e pensões para turistas com orçamentos mais em conta formam o cenário icônico da pixação”
(NOYSEY, https://noisey.vice.com/pt_br/article/uma-historia-oral-do-ttk Acesso em: 08/04/2020).

O TTK, como é falado o nome do bairro no dialeto dos pichadores locais, constitui, ainda de acordo com Noysey, “*uma área apertada entre a abastada Zona Sul, o histórico Centro do Rio e a belíssima e poluída Baía de Guanabara. É o corredor no baile do lado A e lado B carioca*”. (https://noisey.vice.com/pt_br/article/uma-historia-oral-do-ttk Acesso em: 08/04/2020)

À segunda função de um *argot*, a função identitária, postulada por Calvet (1994), associa-se a *função indexical* das operações fonomorfológicas. De acordo com Gonçalves (2003), tal função diz respeito ao fato de certas operações terem capacidade de prever especificidades sócio-culturais do falante. A linguagem TTK, por estar associada a jovens que participam ou simpatizam com o movimento *rap* nessa região, parece manifestar essa função,

uma vez que apresenta capacidade de, em um nível de tendência, designar indivíduos como pertencentes a algum grupo, um tipo social em específico.

Veja-se, a seguir, na música *Gualín*, de Gabriel, o Pensador, como determinadas expressões se realizam em TTK:

*Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?
Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá
Meu filho é Davi, meu lhoí é Vidá
Os nomes nessa língua, os mesnô sané gualín
são assim, são sim-a*

*Se cevô besá larfá sané gualín, lafá bemtâm
É de trás pra tefrén, se quiser falar também
Se você sabe falar nessa língua, fala também
è de tr's pra frente, se serquí larfá bemtâm*

*Oi tudo legal? Oi, dotú gal-lê?
tá tudo tranquilão, tá dotú lãoquitrân
tá tudo tranquilão, tá dotú lãoquitrân
Oi, tudo legal? Oi, dotú gal-lê?
Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá
Meu nome é Gabriel, meu menô é Elbrigá*

*Quero chocolate, roqué telacochô
Quero chocolate, roqué telacochô
Macaco quer banana, cocamá quer nanabá
Macaco quer banana, cocamá quer nanabá
O macaco quer banana, mas não sabe descascar!*

*Vou falar um palavrão, vou larfá mu vrãolaprá
Vou falar um palavrão, vou larfá mu vrãolaprá
Paralelepípedo, dopepilelerapá
Paralelepípedo, dopepilelerapá*

2. Uma nota sobre a noção de enantimorfismo

Enantimorfismo é um termo técnico da Física, de um modo geral, e da Ótica, mais especificamente, que consiste, de acordo com a Wikipédia,

na simetria de dois objetos que não podem se sobrepor. Um exemplo simples de enantimorfismo é a imagem de um objeto formada no espelho, como o vaso ao lado: uma fotografia direta (frente-a-frente) e uma obtida do espelho, não são iguais. A mesma coisa ocorre com a figura pintada num lado do papel e depois "carimbada" por sua dobra (ilustração). Os objectos e suas imagens, assim como as impressões por dobra, são considerados enantiomórficas.
(<https://pt.wikipedia.org/wiki/Enantimorfismo>)

O conceito de *enantimorfismo*, em se tratando de estudos fonomorfológicos, foi usado por Gonçalves (1992) na análise dos processos de aférese e prótese da vogal [a] (‘guentar’ << ‘aguentar’; ‘assujeitar’ << ‘sujeitar’). Os processos constituem, de acordo com o autor, *verso e reverso morfológicos*. A imagem a seguir possibilita visualizar melhor o fenômeno:

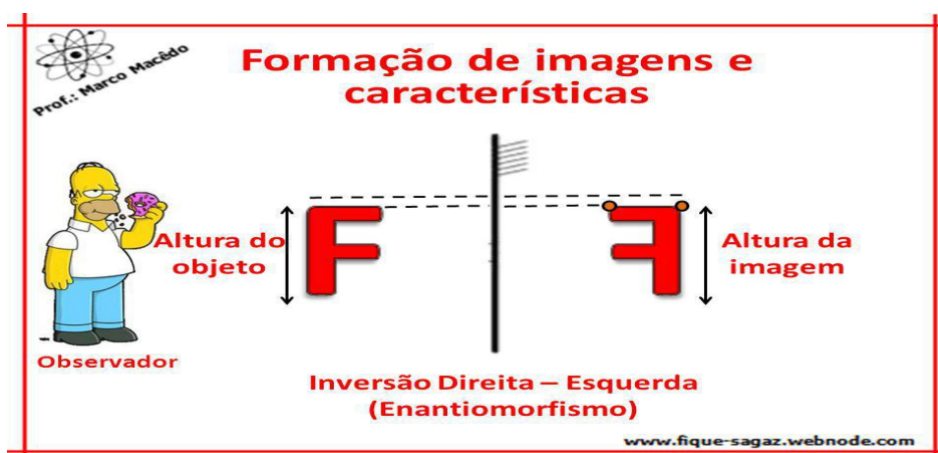


Figura 1: Representação do enantimorfismo

Entende-se que o TTK constitui exemplo de enantiomorfismo, pois consiste no reordenamento de sílabas ou segmentos no interior de uma palavra, mecanismo que tem sido empregado por certos grupos de falantes já há alguns séculos (RAMIREZ & GONÇALVES, 2013), a julgar pela presença de palavras do *Vesre* numa obra editada por Hidalgo, em 1609, intitulada *Romances de germanía de varios autores* (TERUGGI, 1974).

Inferre-se, pela definição em destaque e pela **Figura 1**, que o processo consiste em uma releitura de uma palavra, da direita para a esquerda, preservando-se a sequenciação linear no interior das sílabas em palavras multissilábicas e a sequenciação linear dos segmentos no caso de palavras monossilábicas. Desse modo, o *output* nada mais é que uma leitura em espelho do *input*, como se observa nos dados a seguir:

(01)		café	[fe.'ka]	
	pichar		[ʃax'pi]	
	Vagabunda		[da.bũ.ga.'va]	mesa
	[za.'me]			
	broto		[to.'brɔ]	cerva
	[va.'sɛx]			
	Beleza		[za.le.'be]	música
	[ka.zi.'mu]			
	Go		['lɔ.gɪ]	bar
	['ra.bɪ]			
	não		[o.'ẽ]	sol
	['lɔ'ʃ]			

3. Gramática do TTK

Em palavras multissilábicas, o TTK aponta para a criação de pés iâmbicos (HAYES, 1995) à direita da nova formação, independentemente de a sílaba final ser ou não marcada (apresentar *onset* complexo ou coda, por exemplo), o que caracteriza o produto sempre como oxítono, a despeito de a palavra-matriz ter ou não acento na última sílaba.

Nos monossílabos, ao contrário, são formados pés trocaicos, caso a primeira consoante (que será a última no TTK) não possa ocupar a posição de coda silábica devido ao grau baixo de sonoridade³, uma vez que, nas línguas do mundo, optam por codas, quando sim, preenchidas por elementos de sonoridade alta. Nesse caso, há epêntese vocálica⁴, o que leva à produção de dissílabos com proeminência à esquerda (* .), caracterizando pés trocaicos. Partindo da premissa de que o Português Brasileiro é uma língua de ritmo trocaico-moraico (MASSINI-CAGLIARI, 1999), pressupõe-se que os troqueus formados a partir de inputs monossilábicos sejam igualmente moraicos. Desta forma, os monossílabos resultantes (última linha) também podem ser assim categorizados, uma vez que são pesados, por apresentarem coda.

No caso de inputs monossilábicos em que o onset apresenta sonoridade alta ou /S/, o output é igualmente um monossílabo. Tal fenômeno se explica pelo fato de a gramática internalizada do falante conter a informação de que é possível manter uma relação de identidade maior em relação ao input se este apresentar em seu onset uma consoante que possa ser licenciada a figurar em uma coda silábica.

Quanto às especificidades categoriais das formas de *output* no TTK, percebe-se que o fenômeno incide preferencialmente em classes lexicais (nome e, em menor grau, verbos). Em relação aos nomes, há de se destacar o padrão flexional desse *argot*: (a) a informação de gênero ocorre internamente, tendo em vista que o *output* é categoricamente oxítono ('garota' >> [ta.ro.'ga]; 'mana' >> [na.'mã]); (b) a flexão de número, por sua vez, é periférica ('garotos' >> [to.ro.'gaʃ]; 'amigos' >> [go.mi.'aʃ]), ou seja, apesar de haver inversão, a marcação de plural se conversa na última sílaba, ainda que esta não seja a que continha inicialmente o *-s* de número.

³ Escala de sonoridade baseada em Clements (1990): vogais (5) >> glides (4) >> líquidas (3) >> nasais (2) >> obstruintes (1)

⁴ Em favor de uma universalização da nomenclatura do processo fonológico de adição de segmentos, não se distinguiu em função da posição (inicial, medial e final), embora haja um termo específico para a circunstância (inserção final = paragoge).

No caso dos verbos, o fenômeno, por surgir em um contexto de baixa formalidade, segue um paradigma que atua consoante a queda das desinências verbais, nas classes menos escolarizadas. Isso implica um paradigma verbal dissonante ao que preconiza a Gramática Tradicional (nós/a gente (es)tava >> nós/a gente [va.'ta]). Os modos verbais menos utilizados na fala (subjuntivo e imperativo) são evitados em TTK, que figura como um fenômeno mais favorável aos tempos do indicativo.

A forma verbal preferencial em TTK, de acordo com a observação dos dados, é o infinitivo ('pichar' >> [ʃax.'pi]; 'roubar' >> [ba.'xɔ]). Os tempos e pessoas verbais mais harmônicos para esse *argot* são os que se realizam em até três sílabas: o presente, o futuro do presente e os pretéritos perfeito e imperfeito. Um importante fato a se destacar é que, como o plural, todas as formas verbais costumam manifestar-se na periferia direita da palavra, ainda que sejam candidatas a ocupar a primeira posição (margem esquerda) na forma resultante. Esse fato sugere que o fenômeno forma primeiramente palavras e, após a aplicação ao radical ('pichar' >> [ʃax.'pi]), sobre ele se efetua a flexão verbal ('xarpi' >> 'xarpirei'; 'xarpizou'; 'xarpirá'). Nas formas em que há necessidade de elemento de junção, a consoante /z/ é sempre acionada, como, por exemplo, em 'a tegén xarpizava ralgé'.

No próximo capítulo, são analisados alguns dados do TTK com base no instrumental de análise fornecido pela Teoria da Otimalidade (TO). Desse modo, procuramos demonstrar que restrições estão em jogo e qual a hierarquia entre elas para que emirjam *outputs* que, apesar de cifrados, possam remeter aos *inputs* correspondentes.

4. Da teoria da Otimalidade

A versão *standard* da TO está em Prince & Smolensky (1993). O modelo surge como resposta à fonologia gerativa clássica (*The sound pattern of English* – SPE, CHOMSKY & HALLE, 1968) e às teorias advindas desse trabalho pelo fato de modelos pós-SPE também proporem um mapeamento *input-output* governado por um componente de regras ordenadas, por conseguinte, de operação em série.

Bem resumidamente, a TO propõe um componente chamado GEN (abrev. do inglês *generator*, “gerador”), que “*produz, para cada input, um contingente de análises candidatas. Desse modo, as realizações de superfície passam a ser vistas como o resultado da melhor satisfação a um ranqueamento de restrições*” (GONÇALVES & PIZA, 2009: 14). Na TO, a relação *input-output* é regulada por dois mecanismos: além de GEN, há EVAL (abrev. de *evaluator*, “avaliador”). GEN, ligado ao *input*, produz uma série de candidatos para EVAL, que, através de CON (abrev. de *constraint*, “restrição”), o conjunto de restrições universais de várias famílias (FIDELIDADE, MARCAÇÃO, ALINHAMENTO), seleciona o *output real*, a forma de superfície.

No âmbito da TO, o *output* ótimo é o que mais bem satisfaz as demandas da hierarquia, não sendo necessariamente perfeito, pois, estando as restrições em permanente conflito, mesmo as formas ótimas são infratores em potencial. Para apresentar e organizar os processos de geração, seleção e avaliação dos candidatos a *output* ótimo, a TO adota uma representação em formato de tabela, denominada *tableau*, padronizada da seguinte forma:

Quadro 1:
efeito de


/input/	Restrição ₁	Restrição ₂
a.  cand ₁		*
b. cand ₂	* !	

Ilustração do
EVAL

No

tableau, o /input/

(forma subjacente) é posicionado na primeira célula, sendo seguido horizontalmente pelas restrições de CON relevantes à análise. Verticalmente, abaixo do /input/, são apresentados os candidatos ({cand₁, cand₂,...}) gerados por GEN (gerador) e avaliados por EVAL (avaliador). A relação de dominância na hierarquia é expressa a partir da segunda célula da esquerda para a

direita, ou seja, a primeira restrição do *ranking*, situada à direita do */input/*, ocupa o topo da hierarquia e, portanto, é prioritária e qualquer violação a ela pode ser fatal. Ainda no *tableau*, O asterisco (*) indica a quantidade de violações sofridas por cada candidato enquanto a exclamação (!) assinala que houve violação fatal e, desse modo, demonstra que o candidato foi descartado da competição. Nesse caso, o efeito-sombra, na célula situada à direita do candidato (b), representa a atuação irrelevante da restrição, uma vez que o vencedor, indicado por meio do ícone com o indicador apontado para frente (☞), já foi selecionado por R1, restrição mais importante.

A teoria da otimalidade em sua versão clássica prega que a gramática de uma língua/variante atue em função de, a partir de um input, um sem-número de formas possíveis serem geradas por um componente (GEN) para uma posterior avaliação e escolha por parte de um outro componente (EVAL), que se vale de um terceiro componente (CON), no qual se hierarquizam as restrições universais estocadas. O resultado desta escolha é decisivamente a seleção de uma forma para brotar à superfície baseada nos princípios gerais da teoria.

Entretanto, há de se considerar que, ao menos, desde o século XIX, é uma preocupação da linguística entender como a variação ocasiona mudanças linguísticas e, desde ao menos a sociolinguística laboviana, tem-se um consenso de a variação ser um fenômeno elementar a todas as línguas naturais.

Assumindo a imputabilidade de lidar com o fenômeno da variação no contexto de uma teoria da otimalidade, o desenvolvimento dos estudos dentro da teoria desembocou em, pelo menos, duas vertentes referentes ao tratamento da variação a serem destacadas agora: de um lado, Hammond (1994); de outro, Antilla (1995).

Para o primeiro, se uma língua é variável, ou, mais especificamente, se um fenômeno de uma língua é variável, a emergência de mais de um candidato nada mais é que reflexo da atuação da gramática da língua. De alguma maneira, neste sentido, a responsabilidade da variação é de EVAL. O tableau abaixo mostra:

/qualquer input/	Restrição x	Restrição y	Restrição z
☞ Candidato 1		*	
☞ Candidato 2		*	
Candidato 3	*!		

Quadro 2: A atuação de EVAL na seleção de duas variantes ótimas

O que se percebe no quadro acima é que o candidato³ violou de maneira fatal a restrição mais importante, fazendo com que fosse sumariamente descartado da disputa. Os candidatos 1 e 2, todavia, violaram de maneira não-fatal a restrição y, segunda mais importante da hierarquia, mas como atenderam à demanda principal e não incorreram em outras violações, que poderiam ser decisivas, ambas as análises candidatas vieram à superfície.

A teoria da otimalidade, em consonância com o modelo de fonologia gerativa padrão (SPE), acredita que é função da gramática resolver casos de (a)gramaticalidade. Na visão de Hammond (op. Cit), a variação evoca justamente deste efeito.

Antlla (1995), por sua vez, acredita que a variação seja fruto de uma hierarquização não decisiva, isto é, a variação é possível a partir do momento em que a hierarquia de restrições é não-fixa. Neste contexto, fica a cargo do componente CON a responsabilidade pela emergência de duas formas. A hierarquização

(02) X >> Y, Z

indica que as restrições Y e Z não possuem hierarquia fixa, podendo ser

(03) Y >> Z

ou

(04) Z >> Y

Desta forma, os tableaux abaixo representam essa mobilidade entre os restritores:

/qualquer input/	Restrição x	Restrição y	Restrição z
Candidato 1		*!	
Candidato 2	*!		
☞ Candidato 3			*

Quadro 3: Representação da mobilidade de restritores I

/qualquer input/	Restrição x	Restrição z	Restrição y
------------------	-------------	-------------	-------------

☞ Candidato 1			*
Candidato 2	*!		
Candidato 3		*!	

Quadro 4: Representação da mobilidade de restritores II

O que se averigua nos quadros acima é que o candidato 2 é sumariamente eliminado por violar a principal demanda, que é a Restrição X, enquanto os candidatos 1 e 3, a partir da mobilidade dos restritores, emergem à medida que violem a restrição menos cotada no ranking, ou seja, a última coluna da esquerda para a direita. Este recurso garante, assim, a variação em uma dada língua.

Baseado na conjugação destes dois pensamentos sobre a variação: o primeiro que entende a variação a partir do fenômeno e o segundo que entende a partir dos dados propriamente, este trabalho entende que tais pensamentos possam ser aplicados ao TTK, como se tentará fazer no próximo capítulo.

5. Aplicação aos dados

Neste capítulo, analisamos os dados coletados, conforme relatado na introdução, em função do número de sílabas que as palavras-matrizes apresentam. Primeiramente, descrevemos a estruturação dos outputs resultantes de inputs multissilábicos para, logo após, descrever as configurações formais apreendidas dos dados oriundos de inputs monossilábicos, atentando para as especificidades dentro dos paradigmas e para as diferenças e semelhanças observadas na comparação entre os dois paradigmas.

5.1 Inputs multissilábicos

Há, nos dados do *corpus*, duas características que são importantes nos multissílabos empregados no TTK: (a) o melhor respeito à contiguidade silábica e (b) a menor violação possível na linearidade dos segmentos. Dessa maneira, à luz da TO, duas restrições de fidelidade são relevantes por controlar o enantiomorfismo, marca da *gualín* aqui examinada: **CONTIGUITY- σ** (contiguidade silábica) e **LINEARITY** (linearidade).

Nas palavras de McCarthy e Prince (1993b: 291), **CONTIGUITY** é violada “*cada vez que a adjacência de elementos em S1 for rompida em S2*”. Como os dados do TTK evidenciam respeito à contiguidade das sílabas (e não necessariamente dos segmentos da palavra-matriz), seguimos Ramirez & Gonçalves (2013) e especificamos essa restrição como **CONTIGUITY- σ** . Essa demanda é fundamental na caracterização do TTK, pois a forma ótima é sempre aquela que não infringe essa restrição, definida da como em (05) a seguir:

- (05) “*Sílabas contíguas em S1 deverão ser também contíguas em S2*”, de modo que uma violação ocorrerá cada vez que a adjacência de sílabas for rompida em S2” (RAMIREZ & GONÇALVES, 2013: 67)

Considerem-se os dados a seguir, com as possíveis inversões silábicas para a forma “música”:

- (06)
- | | | | |
|----|------------|----|---|
| | mú. zi. ka | :: | mu é contígua a zi e zi é contígua a ka |
| a. | ka. zi. mu | :: | ka é contígua a zi e zi é contígua a mu |
| b. | zi. ka. mu | :: | zi é contígua a ka , mas ka não é contígua a mu |

- c. ka. mu. zi :: **mu** é contígua a **zi**, mas **ka** não é contígua a **mu**
 d. zi. mu. ka :: **mu** é contígua a **zi**, mas **ka** não é contígua a **zi**
 e. mu. ka. zi :: **ka** é contígua a **zi**, **zi** não é contígua a **mu**

Percebe-se, em (06), que somente a forma com /zi/ na posição originária (segunda, em qualquer direcionamento) preserva integralmente as relações de adjacência entre as sílabas da palavra-matriz, satisfazendo **CONTIGUITY- σ** e, com isso, sendo mais fiel à base. As demais inversões admitem sílabas adjacentes não contíguas, violando, uma vez cada, a determinação feita em (05).

Outra característica do fenômeno, justamente em função de constituir imagem em espelho da forma de *input*, é a natural violabilidade da restrição **LINEARITY**: a inversão de sílabas obviamente leva à perda da linearidade segmental. Por sua vez, esse desrespeito a **LINEARITY** não pode ser fortuito: de acordo com Hume (2001: 19), “*a total perda da adjacência de segmentos tornaria a palavra resultante irreconhecível para o ouvinte, prejudicando sua identificação e, conseqüentemente, sua aceitação na língua*”. **LINEARITY** determina que seja marcada uma violação cada vez que um par de segmentos adjacentes do *output* não estiver na ordem em que figura no *input*. Exemplifiquemos o efeito de **LINEARITY** (LIN) com as possíveis formas candidatas a TTK de ‘droga’:

- (07) dro. ga
 123 45
- a. ga. dró :: viola uma vez LIN, pois 3 não é seguido por 4
 45 123
- b. ga. dór :: viola três vezes LIN, pois 1 não é seguido por
 45 132 2, nem 2 por 3, nem 3 por 4
- c. go. drá :: viola quatro vezes LIN, pois 2 não é seguido
 43 125 por 3, nem 3 por 4, nem 4 por 5

Como se observa em (07), satisfaz LIN da melhor maneira possível a forma que inverte as sílabas, mas preserva a ordem dos segmentos no interior das sílabas trocadas de posição, (b), ‘gadró’.

Uma restrição de marcação sempre satisfeita no TTK e, por isso mesmo, altamente cotada no *ranking*, é iambo (**RhTYPE=I**), tipo de pé métrico com proeminência à direita (. *) que pode ou não contar peso e, por isso mesmo, apresentar qualquer uma das seguintes configurações, em que os símbolos ∪ ∪ e — — representam, nesta ordem, sílabas leves e pesadas (HAYES, 1995):

$$\begin{array}{ccc} (. *) & (. *) & (*) \\ \cup \cup & \cup - & - \end{array}$$

- (08) **RhTYPE=I** (Tipo rítmico = Iambo): Pés métricos são iâmbicos (apresentam proeminência final) (PRINCE & SMOLENSKY, 1993: 58). Marque uma violação em cada pé trocaico.

No TTK, sempre emergem *outputs* oxítonos. Por esse motivo, **RhTYPE=I** constitui restrição não dominada. Podemos assumir, por ora, o seguinte ranqueamento, tendo em vista que a inversão é a principal característica do TTK: **RhTYPE=I** , **CONTIGUITY-σ** >> **LINEARITY**⁵. Vejamos o efeito dessa relação de dominância no *Tableu* a seguir, para ‘garota’:

	/ga'rota/	RhTYPE=I	CONTIG	LIN
<i>do</i> <i>EVAL:</i>	a. [ta.ro.'ga] ☞			**
	b. [ro.ta.'ga]		* !	
	c. [ta.ga.'ro]		* !	
	d. [ta.'ga.ro]	* !	*	
	e. ['ta.ro.ga]	* !		
	f. [tro.'a.ga]	* !	*	***

Quadro 5: Ilustração efeito de ‘garota’

Como se vê, qualquer candidato que desrespeita as relações de contiguidade entre as sílabas é sumariamente eliminado da disputa (b, c, f). A forma (e) atente **CONTIG**, mas, por acentuar a primeira sílaba, infringe **RhTYPE=I**. Com isso, (a) é o candidato ótimo, ainda que deixe interna a marca de gênero feminino. A hierarquia proposta consegue dar conta também de dissílabos, como se vê a seguir, na avaliação das possíveis realizações para a forma verbal ‘quero’, presente na música de Gabriel, o Pensador:

⁵ A vírgula (,) representa a não dominância entre restrições e o símbolo >> indica que as demandas à direita são preteridas em relação às da esquerda.

	/ˈkɛrɔ/	RhTYPE=I	CONTIG	LIN
<i>do</i>	a. [ro.'kɛ]			*
<i>EVAL:</i>	b. [ro.'ɛk]			**
	c. ['ro.kɛ]	* !		
	d. [kro.'ɛ]		*!	*****
	e. [rɛ.'ko]			**

Quadro 6:
Ilustração de efeito de 'quero'

Observe-se, nesse caso, que a restrição LIN é fundamental na escolha da forma vencedora, (a), pois os principais rivais subvertem, bem mais que o output ótimo, as relações de adjacência entre os segmentos do input, a despeito de terem dominância à direita (são iâmbicas) e apenas trocaram as sílabas de posição. Dessa maneira, ainda que dominada, essa restrição tem de ser atendida da melhor forma possível, de modo a garantir, minimamente, o rastreamento da palavra-matriz.

Digna de nota, nesta palavra e em outras do TTK, é a presença de tepes em sílabas iniciais. Ao que parece, por conta de uma relação de fidelidade em identidade, tepes podem figurar na borda esquerda da palavra, ao contrário do Português em geral. Essa peculiaridade do TTK demonstra que ser o mais fiel ao *input* é mais importante que respeitar padrões fonotáticos da língua, como é o fato de violar o restitor *_{PrWd}[r (“*tepes são desfavorecidos em início de palavras prosódicas*”) para garantir melhor acesso à palavra-matriz.

5.2 Inputs monossilábicos

Em se tratando de inputs monossilábicos, o comportamento, tanto de EVAL quanto do componente CON, pode ser debatido. As palavras monossilábicas são matrizes cujos outputs podem ser divididos em dois grupos: (a) os que inserem /i/ e (b) os que não inserem /i/. Quanto ao caso do grupo (a), a epêntese está diretamente ligada ao grau de sonoridade do onset do input. A partir da escala abaixo, baseada em Clementes (1990), podem-se classificar as realizações fonéticas segmentais quanto ao seu grau de sonoridade:

(09) Vogais (5) >>> Glides (4) >>> Líquidas (3) >>> nasais (2) >>> obstruintes (1)

A partir disto, o grupo (a) é composto por resultados cujos inputs possuem onsets de sonoridade baixa, que, na inversão, não podem ocupar a posição de coda, pois esta não licencia elementos de baixa sonoridade em seu preenchimento. A estratégia, então, é a epêntese final da vogal /i/ - uma vez que é a vogal menos sonora entre as vogais - como forma de reparo fonotático, já que o português não admite elementos de baixa sonoridade em coda, como exemplo, abaixo:

(10)	dez	>>	zed	{zede}	[^ˈ zɛ.dʒɪ]
	dor	>>	rod	{rode}	[^ˈ hɔ.dʒɪ]
	gol	>>	log	{logue}	[^ˈ lɔ.ɔɪ]
	pé	>>	ep	{epe}	[^ˈ ɛ.pi]
	pó	>>	op	{ope}	[^ˈ ɔ.pi]

São exemplos do grupo (b) as formas apresentadas em (11):

(11)	luz	>>	zul	{zul}	[^ˈ zuw]
	mal	>>	lam	{lam}	[^ˈ lã]
	sal	>>	las	{las}	[^ˈ layʃ]
	sim	>>	mis	{mis}	[^ˈ miʃ]
	sol	>>	los	{los}	[^ˈ lɔyʃ]

Do ângulo da sonoridade, o que se constata é que, devido ao fato de o quantitativo de consoantes que podem figurar em posição de coda ser menor que o quantitativo de consoantes que nunca podem figurar em coda no Português, podemos destacar as formas do grupo (a), que são geradas a partir de inputs com sonoridade baixa, como default do padrão, uma vez que a maior ocorrência de dados deste tipo também serve de indício à hipótese.

De um ponto de vista morfológico, ou seja, sobre o processo em questão, percebe-se, na perspectiva dos inputs monossilábicos, que o fenômeno do TTK é, em si, variável, o que, em uma primeira análise, pode se levantar uma questão sobre o comportamento de EVAL, já que seleciona formas resultantes de dois padrões, e sobre o comportamento de CON, uma vez que,

na organização hierárquica entre as restrições, permite tais escolhas por parte do componente avaliador.

De um ponto de vista métrico, evidencia-se que ambos os padrões têm como extensão rítmica um pé do tipo trocaico moraico - ao encontro do tipo rítmico básico do português - essencialmente binário com preferência à binariedade a nível silábico, já que tal extensão métrica corresponde às formas englobadas no grupo (a).

As restrições decisivamente envolvidas na formação de palavras a partir de de inputs monossilábicos são as seguintes:

(12) **RhTYPE = T** (Tipo rítmico = Troqueu): Pés métricos são trocaicos (apresentam proeminência inicial) (PRINCE & SMOLENSKY, 1993: 58). Para todo pé métrico cuja proeminência for não inicial, assinale uma violação.

A restrição que regula um tipo rítmico também atua na circunstância dos inputs multissilábicos, mas em uma outra preferência rítmica: neste caso, o ritmo é trocaico, enquanto nos multissílabos o ritmo preferencial é o iâmbico. Em ambos os paradigmas, as restrições que regulam tipo rítmico são as mais bem cotadas na hierarquia.

(13) **CONTIGUITY**_{-seg} (Contiguidade segmental): Segmentos adjacentes em S_1 são adjacentes em S_2 . Destarte, marca-se uma violação para, no caso, por exemplo, de um input /123/, gerado em uma língua hipotética, ter como output /312/.

Nota-se, no caso da restrição acima, que ela atua também no caso dos inputs multissilábicos, mas, neste caso, em um domínio imediatamente inferior ao caso dos multissílabos: no domínio do segmento.

(14) ***CODA** (não-coda): Sílabas são abertas (PRINCE & SMOLENSKY, 1993).

Neste caso, marca-se uma violação para toda sílaba que for não aberta.

(15) **DEP-edge** (Dependência de S_2 a um S_1 em contexto de margem): As margens de palavra em S_2 são pré-especificadas para elementos constantes em S_1 . Desta forma, marque-se uma violação a cada epêntese em margem de palavra em S_2 .

Tais restrições apresentam a seguinte hierarquização: **RhType** >> **Contig-seg** >> ***Coda**, **DEP-edge**.


Desta forma, tem-se, como dito antes, a restrição que regula tipo rítmico maximamente dominante na hierarquia de restrições que regula a saída de formas oriundas de inputs monossilábicos, seguida da restrição que regula contiguidade segmental. Elas apresentam uma hierarquia fixa, o que se constata, na formalização, pelo sinal >> que as separa. Logo após **contig-seg**, vêm ***coda** e **DEP-edge**. Estas duas últimas restrições, não apresentando hierarquização decisiva, atuam decisivamente na seleção da forma pertencente ao grupo (a) ou ao grupo (b).

Sobre a possibilidade de dois grupos de formas de saída, o debate fica a cargo da atuação de EVAL e de CON. Se por um lado admite-se, como Hammond (1994), que o fenômeno em si é variável, dois grupos de outputs seriam possíveis mediante a seleção feita por EVAL; por outro lado, todavia, na perspectiva de Antilla (1995), a variação pode ser explicada por uma mobilidade de restritores – neste caso, o foco de debate recai sobre CON, que, não se hierarquizando de maneira fixa, permite que sejam escolhidas duas formas de superfície. Assim, a hierarquização fica:

{gol}	RhType = T	Contig-seg	*Coda	DEP-edge
[lgo]		*!		
[lɔ.'gi]	*!			*
[ˈlɔ.gi] ↵				*
[lɔg]			*!	


Quadro 7: Representação da seleção de output para input {gol}

Neste caso, pode-se ver que, em um contexto em que ***Coda** >> **DEP-edge**, a preferência à forma de superfície é do grupo (a), o que ocorre no outro exemplo abaixo:

{pó}	RhType = T	Contig _{-seg}	*Coda	DEP-edge
[‘o.pi] 				*
[ɔp]			*!	
[ɔip]		*!	*	
[i.‘pɔ]	*!			


Quadro 8: Representação da seleção de output para input {pó}

As formas agrupadas no grupo (b), referente às palavras formadas a partir de inputs monossilábicos com onset de alta sonoridade, surgem em um contexto no qual **DEP-edge** >> ***Coda**, formalizado nos tableaux abaixo:

{luz}	RhType = T	Contig _{-seg}	DEP-edge	*Coda
[lu.‘za]	*!		*	
[‘zuw] 				*
[‘zlu]		*!		
[‘zu.li]			*!	*

Quadro 9: Representação da seleção de output para input {luz}

Ou como em

{sal}	RhType = T	Contig _{-seg}	DEP-edge	*Coda
[sla.‘i]	*!	*	*	
[‘li.sa]		*!		
[‘sa.li]			*!	
[lay.] 		*		*

Quadro 10: Representação da seleção de output para input {sal}

Ao que parece, no caso dos inputs monossilábicos em TTK, a variação não é dos dados em si, como os dois autores apontaram em seus estudos, embora Hammond (1994) tenha salientado para a variação na própria gramática do fenômeno. No caso do TTK, a variação é somente do sistema de formação de outputs a partir de inputs monossilábicos. O que se pode constatar também é que a variação do processo tem fins fonotáticos, já que o onset do input tem uma importância singular na escolha da forma de output. Neste caso, a sonoridade tem um papel elementar. Entende-se também que, tanto para uma forma escolhida no padrão (a) ou no padrão (b), são gerados candidatos de ambas as possibilidades, cabendo à gramática decidir, independente da forma do input, qual tipo de output vem à superfície, levando, por sua vez, em conta questões de sonoridade e de fonotática na formação morfológica da forma de saída.

Outro ponto a ser destacado é o fato que, em TTK, tanto nos monossílabos quanto nos multissílabos, o input parece ser a forma escrita do português, cujo sistema ortográfico tem como objetivo uma representação gráfica de valor fonológico. Neste caso, a palavra já pronta, constante no sistema linguístico. Dentro deste contexto e também dentro do contexto da Teoria da correspondência, que alarga as relações de fidelidade para quaisquer entidades de representação fonológica (S_1-S_2), ou seja, a relação entre estruturas deixa de ser input-output (I-O), como a versão standard da Teoria da Otimalidade, a relação entre forma “subjacente” e “superficial” é estabelecida sobre duas formas de superfície, em que a relação se configura como output-output (O-O).

6. Palavras finais

6.1 - A importância da categoria “pé” em uma análise métrica

O estudo de pés métricos é datado ao menos desde a literatura clássica greco-latina, relevante em textos de grandes oradores, como Homero e Cícero. A maneira como se escandia um texto literário dizia muito a respeito de sua “intenção poético-comunicativa”. Epopeias e textos líricos, por exemplo, apresentavam diferentes configurações métricas de acordo com sua finalidade.

Das possíveis motivações para o nome, destacam-se duas, uma de cunho metafórico e outro de cunho metonímico: quanto à primeira, diz-se que a categoria métrica possui este nome devido ao fato de o compasso simular o movimento dos pés em uma caminhada: enquanto um toca no chão, o que seria a representação de um compasso forte, o outro, no ar, simularia um compasso fraco e a alternância entre os pés garante a progressão na caminhada tal qual a alternância nos compassos garante uma progressão rítmica; por outro lado, no contexto de uma motivação metonímica, o nome “pé” foi usado para batizar uma unidade rítmica justamente porque era com os pés que se marcava o compasso musical, em uma relação nítida de parte-todo.

No contexto literário, o estudo dos pés visava a estabelecer ritmos convencionais à cultura poética, não havendo uma preocupação em uma aferição geral do ritmo da fala corrente. Na cultura latina, por exemplo, havia uma porção extensa de tipos de pés métricos, cuja combinação e uso marcavam alguma função literária convencionalizada, não correntemente natural. Logo, o exame dos pés métricos na cultura clássica não era a partir de uma metodologia científica.

Motivações à parte, é justamente da definição de compasso (divisão quantitativa de sons que leva em conta pausas e batidas e vai de um compasso forte a outro, excluindo o último), que, segundo Massini-Cagliari (1999), deriva a noção fonética do pé: o pé é uma estrutura que engloba duas sílabas tônicas, incluindo a primeira e excluindo a segunda. A partir desta definição, teríamos em “sogra convida” um pé, foneticamente, que vai da sílaba “so” até a sílaba “con” e outro que vai da sílaba “vi” até a sílaba “da”. Ainda dentro desta noção de compasso,

para cada tempo forte no pé, existe, por conseguinte, um sem-número de tempos fracos possíveis.

Fonologicamente, o pé é um constituinte, pertencente a uma hierarquia de constituintes, formado por sílabas. Quanto à extensão deste pé, delimitada previamente em um contexto de uma teoria paramétrica (HAYES, 1995), esta vai depender de um conjunto de escolhas feitas pelas línguas naturais em um sistema de regras baseado em uma lista finita de possibilidades. Neste contexto, o pé é lido como um princípio abstrato presente em todas as línguas do mundo e sua materialização vai se dar por estas escolhas (a fixação em si de parâmetros). O português, por exemplo, é uma língua de pés binários com proeminência à esquerda e a aplicação destes pés acontece em um direcionamento direita-esquerda.

No contexto da linguística teórica que versa sobre o assunto, tanto a corrente estruturalista quanto o gerativismo fonológico padrão (que tem como marco zero o *the sound pattern of english*, 1968) não se ativeram muito ao estudo da prosódia do ritmo. Somente no período tido como *fonologia não-linear* ou *fonologia multilinear* é que os estudos das categorias prosódicas tiveram maior realce, mais precisamente na Fonologia Métrica (LIBERMAN & PRINCE, 1977), uma teoria, baseada em regras, que focou em fatores acentuais (e, por consequência, rítmicos) e as hierarquias (relação de forte-fraco) entre os constituintes que compõem estas alternâncias de ordem do ritmo. A teoria, entretanto, não tinha como pilar a localização de um ritmo preferencial, mas sim a formalização de configurações acentuais de palavras e frases, ou seja, não era preocupação da teoria assumir uma postura preditiva quanto ao ritmo básico de uma dada língua, mas fornecer instrumentos de análise de estatutos prosódicos contextuais a partir de uma grade métrica, que, segundo Prince (1983), representa a hierarquização de periodicidades rítmicas que se interseccionam na progressão do texto. As marcas rítmicas, chamadas de batidas, são representadas por um x, que materializa as relações prosódicas analisadas. Destarte, a teoria mais se aproxima de uma perspectiva não científica neste caso por não ter como premissa básica o apontamento lógico-objetivo de uma “lei linguística natural”, ainda que variando de língua para língua.

Na perspectiva fonológica do texto, desenvolveu-se um modelo arbóreo de derivação chamado Fonologia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 1986), que surge como uma possibilidade de derivar o texto em categorias da prosódia em vez de categorias da sintaxe. Neste modelo, níveis de análise prosódica organizam-se e formam o constituinte do nível imediatamente acima de maneira interativa. O modelo propõe que categorias prosódicas constituem-se como um constituinte imediato que impossibilita um “salto de etapas” na

formação dos constituintes prosódicos maiores. Em suma, as regras da Fonologia prosódica são:

- A) Exaustividade;
- B) Não-recursividade;
- C) Não-binariedade;
- D) Não-isomorfismo;
- E) Dominância

Sobre a regra em A), pode-se formalizá-la como abaixo:

(16) Em uma sequência crescente A, B, C, um determinado constituinte se organiza: $X = X-1$ ou $X = X-1 + X-1$

Desta forma, entende-se que uma categoria C não pode ser formada por um ou mais elementos pertencentes à categoria A.

Quanto à regra em B), a formalização segue:

(17) Em uma sequência crescente A, B, C, é terminantemente proibido: $X = X$

Desta maneira, uma categoria não pode ser formada a partir de um elemento pertencente a esta mesma categoria, de modo iterativo. Pensando a partir das duas regras expostas acima, uma categoria C é formada iterativamente por um ou mais de um elemento de categoria B, exaustivamente abaixo de C.

A regra em C) diz respeito ao fato que uma categoria X não necessariamente é formada por dois elementos de X-1. A quantidade de elementos da categoria exaustivamente abaixo vai se definir pela fixação de parâmetros de acordo com regras prosódicas das línguas individuais.

A regra em D) diz respeito ao fato de não haver isomorfismo entre uma categoria prosódica e uma categoria de qualquer outra natureza gramatical, como sintática e morfológica, por exemplo. Ainda que possam ser equacionadas, como, por exemplo, na restrição - pertencente à família alinhamento (McCarthy & Prince, 1993) - **RED = Pr_w**⁶, a relação não é

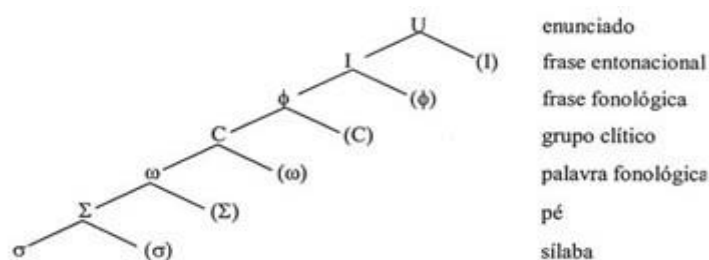
⁶ RED = Pr_w : Um reduplicante equivale a uma palavra prosódica. Neste caso, há o equacionamento de uma categoria morfológica, o **reduplicante**, a uma categoria prosódica, a **palavra prosódica**.

absoluta, pois seria conceitualmente desgastante propor dois nomes para uma mesmo constituinte.

A regra em E) apregoa que uma categoria X é sempre desmembrável em dois nódulos: um forte e um fraco. A bem da verdade, é justamente a partir de uma alternância que uma categoria imediatamente acima pode ser formada.

Os constituintes presentes na hierarquia prosódica são:

(18)



Sobre a categoria Grupo clítico (Φ), presente em Nespor & Vogel (1986), é um ponto de divergência entre os pesquisadores da área. A bem da verdade, uma vez que o fenômeno do TTK é pertencente ao nível da morfologia, que tem como domínio a palavra, os níveis prosódicos em questão são a sílaba, o pé métrico e a palavra fonológica. As categorias acima já são equacionadas ao nível gramatical da sintaxe.

Como se pode ver no diagrama arbóreo, a representação vai da sílaba (σ) até o enunciado fonológico (U), com os constituintes organizando-se de baixo para cima.

A categoria pé métrico, à qual se destina esta seção, tem como fato que a sua definição e atuação convergem para um mesmo contexto, segundo Soares (2019, no prelo). Por ser a menor unidade rítmica, ou seja, a partir da qual as línguas projetam a alternância FORTE-FRACO primária, os pés métricos estão na base das categorias prosódicas mais altas, em um nível fonético ou fonológico, sendo, por conseguinte, o locus onde se realizam fenômenos acentuais nas categorias em questão.

Portanto, os pés métricos assumem papel crucial na explicação de fenômenos rítmicos em geral, uma vez que correspondem ao correlato fonético no qual fenômenos pertencentes a níveis mais altos, em um posto de vista fonológico, justificam-se. No contexto de uma teoria derivacional, como é a Fonologia prosódica, estes fenômenos são formalizados em um

componente de regras, que, de maneira independente entre si, sucedem-se aplicando-se sobre uma estrutura linguística de nível sintático, morfológico ou propriamente prosódico. Já no contexto de uma teoria de representação, paralelística, como é a Teoria da Otimalidade, os fenômenos que se aplicam ao pé, direta ou indiretamente, são formalizados em termos de restrições universais.

6.2 - A importância da Restrição MAX

A restrição **MAX**⁷ é uma restrição de fidelidade, portanto mapeia a relação entre um S_1 e um S_2 . Constante na teoria da correspondência, ela tem um correlato objetivo na teoria de Prince & Smolensky (1993), uma restrição chamada **PARSE** (análise o input no output). A diferença entre as duas abordagens está na maneira como são encarados os estágios inicial e final do dado linguístico gerado pela gramática. Enquanto **MAX**, é aplicada à relação de fidelidade entre S_1 e S_2 , como dito antes, duas quaisquer entidades de representação fonológica, **PARSE** estabelece a relação, também de fidelidade, em termos de Input e Output. Ambas as restrições, de salvaguarda a observação feita acima, podem ser conceituadas como

(19) **MAX** (Maximize o S_1 em S_2): Cada elemento constante em uma categoria S_1 é correspondente a um elemento constante em S_2 . Uma violação a MAX é, portanto, o apagamento de um traço, parte de S_1 em S_2 .

Como exemplo para tal: Considerando um S_1 /peRSpikaS/, a pronúncia carioca [pejʃ.pi.'kajʃ], que emerge à superfície como S_2 , apresenta uma violação a MAX pela ausência do /R/ em coda interna da primeira sílaba.

Desta maneira, decorre o pensamento: uma vez que um elemento é gerado em uma categoria geradora ele tem de aparecer na representação de superfície, sendo, então, licenciado a preencher uma categoria. A partir daí, segundo Alves & Keller (2010), a ideia de licenciamento remonta diretamente a um conceito relacionável, pré-Otimalidade:

⁷ Em algum contexto da hierarquia pertinente, atuando de maneira não decisiva para a escolha do candidato que emerge à superfície linguística, pertencente, de certo, ao componente universal de restrições.

(20) Licenciamento prosódico (ITÔ, 1986: 2 apud ALVES & KELLER, 2010): todas as unidades fonológicas devem ser licenciadas prosodicamente, isto é, pertencer a uma estrutura prosódica superior.

Ainda segundo Alves & Keller, “do princípio em(...) decorre que uma cadeia fonológica deve ser exaustivamente silabada. Tal princípio é garantido pela restrição” (ALVES & KELLER, 2010: 68) **MAX**. Os autores, no texto, usaram a restrição **PARSE**, pois se referiam a outro contexto.

Desta forma, uma sequência fonológica só pode ser silabada se **MAX** não for violada. O licenciamento prosódico, porém, continua atuando em função de equacionar sílaba a um pé e por conseguinte - a exemplo de como demonstrado na parte concernente à hierarquia prosódica na seção referente ao pé - um pé a uma palavra prosódica.

Em relação ao **TTK**, uma vez que é um fenômeno pertencente ao escopo da morfologia, o licenciamento vai se limitar à palavra. Desta forma, tanto no paradigma dos multissílabos quanto no paradigma dos monossílabos o que se constatou foi que, embora licenciado a uma palavra fonológica, o pé métrico teve importância decisiva na descrição do fenômeno em tela. Nos multissílabos, o domínio preferido para input foi um pé métrico, o que pode ser também relacionado à preferência do Português pela palavra mínima, isto é, um componente lexical que se realize pelo mínimo material rítmico possível, ou seja, um pé métrico. Desta forma, ambos, input e output, têm como extensão prosódica, em preferência, duas sílabas; no caso dos monossílabos, o que se viu é que sílabas pesadas são o input preferencial, o que, na teoria de Hayes (1995), equivale a um pé trocaico-moraico ou iâmbico, a depender da fixação dos parâmetros regulares da língua em questão. Quanto ao output, as formas do grupo (a) optam pela extensão métrica de um troqueu moraico preferencial do português, o dissilábico com duas sílabas leves; as formas do grupo (b) se realizam, metricamente, como um troqueu moraico menos usual no português: o monossilábico com duas moras em posição de coda.

Portanto, **MAX** faz com que a sílaba, que coincide com a extensão métrica dos inputs monossilábicos, em algum nível de análise fonológica, seja, garantidamente, equacionada a um pé em um contexto de teoria da otimalidade. Este equacionamento através do licenciamento pode contribuir como mais um argumento em favor de o pé métrico, atuando na base de categorias mais altas (neste caso, o nível mais alto possível é a **palavra prosódica**), ser o locus para a realização do fenômeno geral do **TTK**.

6.3 - (pen)últimas notas sobre o TTK

Nesta análise do TTK, procuramos descrever as principais características desse argot, atentando para as restrições em conflito e interação para que se superficializem formas que, apesar de criptografadas, possam remeter às palavras de origem e descrever peculiaridades fonológicas desse gualín, como é o caso de, em princípio, partir de formas gráficas (e não de realizações fonéticas), a adoção, no caso dos multissílabos, da sílaba como uma categoria de remetimento à palavra-matriz, em termos de contiguidade, pela manutenção de seu estatuto tanto na representação de base como na representação de superfície; e, no caso dos monossílabos, a contiguidade se estabeleceu em termos segmentais. Desta forma, em ambos os paradigmas, o apelo à contiguidade garantiu e resguardou a relação de identidade com a palavra-matriz.

De um ponto de vista morfológico, viu-se que o fenômeno, em si, apresenta uma gama de aspectos necessários a uma análise atenta, em todas as modalidades do fenômeno. Além disso, constatou-se que a TO dispõe um instrumental seguro para analisar fenômenos morfológicos cuja explicação repousa na relação morfologia-fonologia, como é o caso do TTK.

Do ponto de vista fonológico, percebemos que, no domínio de uma palavra morfológica, o pé tem imensa relevância na pertinência de fenômenos fonológicos, como a constituição rítmica dos paradigmas multissilábico e monossilábico, e em fenômenos morfológicos, como ser o domínio preferencial para inputs e outputs em ambos os paradigmas igualmente. A preferência pelo pé como domínio de atuação pode ser predita também pela preferência do português pela palavra mínima.

De um prisma semântico, o processo induz a uma conclusão de que se presta mais a uma função expressiva do que nomeadora e isso se deve significativamente à contraparte indexical que se identifica no uso do argot.

Em se tratando de produtividade, o TTK representa mais criatividade morfológica do que produtividade morfológica, uma vez que as formas oriundas do TTK são mais expressivas do que nomeadoras, o que as impede de serem produzidas sistematicamente, em série.

Sintaticamente, as classes envolvidas no fenômeno, em geral, são classes abertas: substantivos, adjetivos e verbos.

Referências bibliográficas

- ALVES, Ubiratã Kickhöfel & KELLER, Tatiana. Sílabas. In: BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos. (Org.). Teoria da Otimidade: Fonologia. Campinas-SP: Pontes Editores, v 1, p. 57-92, 2010.
- ANTILLA, A. Deriving variation from grammar: a study of Finnish genitives. Stanford University and Rutgers Optimality Archive, 1995.
- CALVET, J. L. L'argot. Paris: PUF, 1994.
- CLEMENTS, G. N. The role of sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J. & BECKMAN, M. (Orgs.). Papers in laboratory phonology I. Cambridge: CUP, p. 283-333, 1990.
- CHOMSKY, Noam & HALLE, Morris. The sound pattern of English. New York: Harper and Row, 1968.
- GONÇALVES, C. A. V. Aspectos da mudança em a- inicial: difusão e enantiomorfismo. Estudos Lingüísticos XXI. São Paulo: GEL, vol. 2, p. 786-791, 1992.
- GONÇALVES, C. A. V. A função indexical das formações X-íssimo, X-ésimo e X-érrimo no português do Brasil. Veredas (UFJF), Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 47-59, 2003.
- GONÇALVES, C. A.; PIZA, M. Pequena introdução à Teoria da Otimidade, em C. A. Gonçalves et alii (Orgs.). Otimidade em foco: morfologia e fonologia do português, Rio de Janeiro, Publit: 11-44, 2009.
- GONÇALVES, C. A. Iniciação aos estudos morfológicos: flexão e derivação. São Paulo: Contexto, 2011.
- HAMMOND, M. There is no lexicon! Disponível em <http://roa.rutgers.edu/file/43-0195/43-0195-HAMMOND-0-0.PDF>, 1994.
- HAYES, B. Metrical stress theory. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- ITÔ, J. Syllable Theory in Prosodic Phonology. Ph.D. dissertation, Massachusetts Institute of Technology. 1986.
- LIBERMAN, M & PRINCE, A. On stress and linguistic rhythm. Linguistic Inquiry, v. 8, p. 249-336. Cambridge, Mass., 1977.

- MASSINI-CAGLIARI, G.. O conceito de pé como unidade rítmica: trajetória. In: Ester Miriam Scarpa. (Org.). Estudos de prosódia. 1ed.Campinas: Editora da UNICAMP, v 1, p. 113-139, 1999.
- McCARTHY, J. & PRINCE, A. Generalized Alignment. In: BOOIJ, G. E. & MARLE, J. (Ed.). Yearbook of Morphology. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Foris: Dordrecht. 1986
- Prince, A. (1983a) Relating to the Grid, *Linguistic Inquiry* 14.1, 19-100.
- PRINCE, A.; SMOLENSKY, P. *Optimality Theory: constraints interaction in generative grammar*. Boulder: University of Colorado/ Rutgers University, 1993.
- RAMIREZ, T. T. & GONÇALVES, C. A. V. "Tu dorima está calato, ¡pues!": uma abordagem otimalista da metátese no argot peruano. *Estudos Linguísticos e Literários*, 47, jan-jun|2013, Salvador: pp. 148-16
- SELKIRK, E. *Phonology and syntax*. The relation between sound and structure. Cambridge: The MIT Press, 1984.
- TERUGGI, M. *Panorama del lunfardo: Génesis y Esencia de las Hablas Coloquiales Urbanas*. Buenos Aires: Ediciones Cabargón, 1974.